



força e as magoe. Apesar disso, a nossa vocação continua a ser converter o que vemos como um ser hostil em hóspede, o inimigo em convidado, e criar o espaço livre e sem medo onde os laços fraternos se possam formar e ser experimentados em profundidade.

(Henri Nouwen, *Crescer Os Três movimentos da Vida Espiritual*)



Neste nosso mundo cheio de desconhecidos, separados do seu próprio passado, cultura e país, dos seus vizinhos, amigos e família, do seu âmago mais profundo e do seu Deus, testemunhamos uma busca dolorosa por um lugar hospitaleiro onde a vida possa ser vivida sem medo e onde a comunidade possa ser descoberta.

Penso sem certezas que sensato é abrir a porta e deixar entrar, pôr a mesa e guardar um lugar para quem vier. É acreditar no milagre. [...]

(Daniel Faria, *Sétimo Dia*)

Embora muitos, podemos até dizer a maioria, dos desconhecidos deste mundo se tornem vítimas fáceis de uma hostilidade assustadora, é possível aos homens e às mulheres, e obrigatório para os cristãos, oferecer um espaço hospitaleiro onde os desconhecidos possam pôr a sua singularidade de parte e tornarem-se irmãos.



A passagem da hostilidade à hospitalidade é dura e cheia de dificuldades. A nossa sociedade parece ter cada vez mais pessoas assustadas, defensivas e agressivas, ansiosamente agarradas aos seus bens materiais e inclinadas a olhar o mundo que as rodeia com desconfiança, sempre à espera que surja um inimigo, que se introduza à

Não acredito que cada um tenha o seu lugar. Acredito que cada um é um lugar para os outros.

(Daniel Faria, *O Livro do Joaquim*)

Comité Organizador Vicarial (COV)

Encontro Formativo e Informativo

Comité Organizador Paroquial (COP)

LEVANTA-TE Cristo vive em ti

Depois de Maria acolher o nascimento de Jesus, o Hóspede Divino, na Anunciação, é Isabel quem primeiro nos aparece na longa lista daqueles a quem Jesus se acolhe. Ao longo dos evangelhos, são muitos os que descobrem a alegria de receber Jesus, muitas vezes à mesa, das bodas de Caná aos discípulos de Emaús, dos fariseus aos publicanos Levi e Zaqueu, da família de Betânia aos discípulos na margem do lago.

A alegria de Isabel e do menino João no seu seio, ao receber Maria e o filho que carrega, é a alegria de todos quantos acolhem com generosidade e descobrem como Deus corresponde de modo sobreabundante. Assim vemos já no Antigo Testamento, quando Abraão acolhe os três homens em Mambré e recebe o anúncio do nascimento de um filho (Gén 18, 1-15)

ou quando a viúva de Sarepta acolha Elias com o seu último pão e recebe a abundância de alimento e a ressuscitação do filho (Reis 17, 9-24).

A Carta aos Hebreus (13, 2), ensina a praticar a hospitalidade, pois assim «alguns acolheram anjos» e S. Bento, na sua Regra, manda aos seus monges que «todos os hóspedes que se apresentem sejam recebidos como se fosse o próprio Cristo, pois Ele dirá: “Fui hóspede, e recebeste-me”».

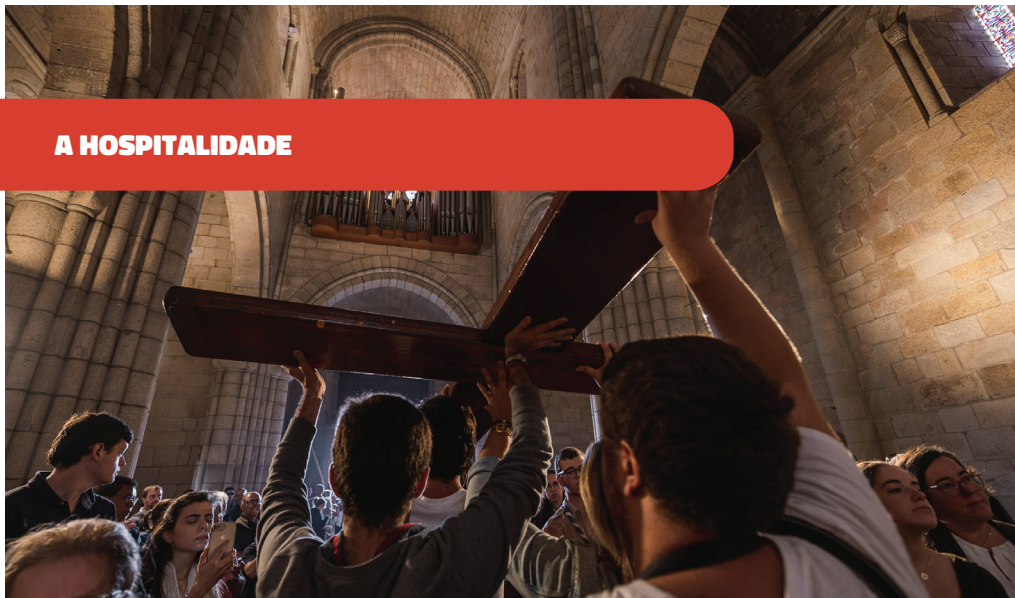
Olhando o exemplo de Isabel, somos convidados a entrar nesta longa tradição de acolher e hospedar como quem recebe o próprio Cristo, recebendo os jovens que, antes da Jornada Mundial da Juventude, virão participar nos dias preparatórios na nossa diocese do Porto.

Um Porto de Abrigo

COD
PORTO

INFO NOVEMBRO 2022

A HOSPITALIDADE



Vivemos num tempo social caracterizado pela pluralidade e pela diferença. Esta diferença precisa de ser olhada como riqueza, como fator positivo, como oportunidade de fecundidade. Damo-nos conta de que os outros são diferentes de nós, mas, também nós, somos diferentes entre nós. Hoje em dia, não podemos olhar só para o estrangeiro como diferente. O nosso vizinho, o nosso amigo... somos diferentes uns dos outros. E neste cenário de todos diferentes, é necessário focarmo-nos sobre o valor humano. Precisamos de olhar para o ser humano como pessoa, como alguém dotado de dignidade, como alguém que tem valor em si.

A hospitalidade relaciona-se, diretamente, com a vontade de partilhar, tão própria do ser humano. Aquele que acolhe é capaz de partilhar do seu espaço e tempo com um estranho e vulnerável, porque tem vontade de partilhar. A esta vontade natural, precisamos de acrescentar o sentido de bem para o outro, o seu bem estar e saúde. Não basta, então, partilhar o espaço, as coisas. Importa este dinamismo do coração que dá atenção no sentido do bem para o que é acolhido. Receber bem não depende, exclusivamente, das condições económicas e sociais mas da capacidade de olhar por e para aquele que se acolhe na própria casa.

Neste olhar entra também a capacidade de escuta. A receção do estranho requer a prática da escuta e uma escuta de qualidade. Só se pode responder adequadamente às necessidades do

outro se primeiro o escutarmos. Estar recetivo ao outro implica que o escute, que manifeste a máxima atenção à sua presença para que se sinta compreendido.

A forma como se acolhe o estrangeiro é a pedra de toque para avaliar a capacidade humana de uma sociedade. A verdadeira hospitalidade é, então, um valor que nos interpela porque nos obriga a abrir a casa e o coração e o ser humano tende a fechar-se nas suas seguranças. A sua prática requer a superação da lógica da diferença e obriga a explorar o que nos une ao outro, esse outro desconhecido que nos interpela com a sua diferença.



No fundo, a prática da hospitalidade só pode existir numa base de confiança entre o que acolhe e o que é acolhido. O que recebe confia naquele que é recebido e convida-o a entrar em sua casa; mas o que é acolhido também confia no que acolhe. Confia que o vai acolher dignamente. O que acolhe expõe-se ao que vai ser acolhido, mostra-se tal como é, oferece a sua casa e o que há nela para que o que chega se sinta acolhido, considerando que o mais relevante da casa não são os objetos mas as relações afetivas que aí se vivem



A hospitalidade consiste em acolher uma pessoa desconhecida e vulnerável. Vulnerável porque exposta a deixar-se magoar por outro, suscetível a ser ferido. Impele a acolher quem vem necessitado de acolhimento, de atenção e escuta.

O ser humano está feito de tal natureza que necessita de estruturas de acolhimento para se desenvolver e a primeira é o seio materno. O exercício da maternidade é a grande metáfora da hospitalidade, pois a mulher que o exerce cria, dentro de, si um espaço para acolher o outro.



"Não deixa de ser paradoxal e misterioso que o Totalmente Outro, que o Deus onipotente, na sua revelação definitiva na história, requeira o corpo de uma mulher para ser acolhido. A sua presença carnal no mundo escolhe uma forma vulnerável, precisa do seio de Maria para poder desenvolver-se e crescer como homem. O corpo de Maria é, portanto, a casa de Deus encarnado, a primeira estrutura de acolhimento de Deus no mundo. Ma-

ria atua como hospedeira de Deus na história da humanidade: mas não só ela; também José, que o acolhe na sua família."³



O corpo de Maria transforma-se, intensamente, como consequência deste acolhimento e não só o seu corpo, mas a sua vida inteira. O Outro estranho - Deus - é recebido no corpo de uma mulher. A vulnerabilidade de Deus encarnado expressa um rasgo essencial da revelação de Deus na história. Deus adota a forma de servo, faz-se vulnerável e requer ser acolhido. Deste modo indica que o caminho para Ele não passa pela força, mas pela simplicidade e atitude de disponibilidade.

Acolher é um ato gozoso. Quem abre a sua porta acredita que acolhe um ser digno de amor, um ser amável em si e digno de proteção. A hospitalidade é uma atividade que nos permite descobrir novas simpatias. A essência da hospitalidade consiste, finalmente, em questionar a ideia de que existem fronteiras que não se podem cruzar.

